

# O CARAPUCEIRO.

*Periodico Moral, e so' per accidens politico.*

Hunc servare modum nostri novere libelli  
Parcere personis, dicere de viliis.  
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Quarta feira 22 de Junho.

(NUMERO 24.

*Guerra implacavel à politica Inglesa.*

**N**EM sempre se pode chasquear, nem sempre tem lugar as facecias, e chalaças; e alguma vez releva, que o Carapuceiro cumprindo a promessa do seu titulo, seja tambem politico; e nisto he, que está o *per accidens*. A' excepção de poucos homens, cujo espirito parece ter predilecção pelo extraordinario, singular, e paradoxo não há hoje homem sensato, e verdadeiramente Christão, que não reprove ao menos em seu coração o cruel, e infame trafico de carne humana. Todos reconhecem o terrivel mal de sermos servidos por braços escravos, fu neste legado, que nos veio dos seculos barbaros, e que em nós gera uma imperiosa necessidade. Mas quando vemos o Governo Britanico tão empenhado pela emancipação dos homens de cor preta, quando reflectimos na politica dos Ingleses, cujo egoismo he proverbial, e se apresentão ao mundo, como philantropos por excellencia, e propugnadores dos direitos da humanidade oppressa, não poderemos dizer com razão, e bem escarmentados “*Timeo Danaos et dona ferentes*?”

“Como he, que a Inglaterra ( diz o periodico *Constitucional Francez* ) que pelo tractado de Utrecht obteve o direito exclusivo de fornecer negros ás Colonias Hespanholas, e que durante todo o seculo passado pretendeo ter o monopolio dos mercados de carne humana, tomou tamanho zelo pela abolição da escravidão deste lado do Atlantico? A que fim tendo ella, querendo conquistar o direito de visita maritima?”

Não he dado negalo: ( diz Mr. Petit de Barancourt em hum folheto a este respeito ) a Inglaterra despende annualmente sommas immensas para abolir o trafico. E fará ella só por philantropia, tamanhas dispezas? Vede suas possessões das Indias: ali florece a escravidão: ali mulheres, creanças são vendidas, e compradas á vista das Auctoridades Inglesas: ali cem milhões de homens vivem curvados sob a mais brutal servidão, que jamais existio. Não, não: a Inglaterra não he tão inconsequente; tenão se paga com grandes palavras; posto as offereça como engodo ao resto da Europa: ella sabe o que quer, e seu fim he proporcionado á grandeza de seus sacrificios.”

“Dez annos há, que se operou huma revolução no Indostão. Em outro tempo esta região fazia concorrência á industria europea com seus productos manufacturados: hoje suas fabricas estão decahidas. A introducção illimitada dos productos da Grã Bretanha, privando do trabalho as populações indo-inglezas, ameaça-as de proxima ruina: he por tanto necessario substituir a industria manufactureira do Indostão já absorvida por huma producção agricola superior. D’ahi veio o projecto de dar á Asia em troca da sua industria perdida o monopolio das produções colonias. Por isso he que todas as plantas tropicaes tem sido naturalizadas nas margens do Ganges, e entre outras a cana de assucar. A exportação do assucar de Bengala elevou-se em 1834 a 12 milhões de Kilogrammas; em 1839 sobio a 90 milhões! Se continua esta progressão, o que será d’aqui a 20 annos?”

“Não basta porém produzir: releva

dar sahida aos productos, e excluir os productores rivaes, principalmente as antilhas, e a America, que estão na posse do mercado europeu. O direito de visita he hum dos meios, que devem levar a este resultado. Já no Congresso de Aix-la-Chapelle e no de Virona se propoz a concessão deste direito, e sempre regeitada."

"Nós repudiamos com todas as nossas forças o abominavel trafico dos negros: mas aqui a questão de philantropia não passa de pretexto: o verdadeiro objecto dos Inglezes he chegar á soberania dos mares. Com effeito todo o direito de reciprocidade entre dous povos desiguales em forças he hum servidão disfarçada, e hum oppressão para o mais fraco. O exemplo da Hespanha, de Portugal, e dos Estados nascentes da America prova mais claramente esta verdade. Sabe-se de que modo os Inglezes exercem a policia do oceano a respeito delles. Inspeccionão sem nenhuma reciprocidade todo o commercio costeiro do Mexico, de Guatimala, do Brasil, e de Buenos Ayres; conservão o continente meridional d'America em hum especie de bloqueio commercial, de que sabem tirar partido."

O famoso Deputado Francez o Snr. Lanjuinais dirigio hum carta ao Redactor do *Siecle* á cerca do uso da escravidão actualmente adoptada pelos Inglezes, em a qual produz factos, e argumentos dignos da nossa maior attenção. Elle diz, que em quanto os Inglezes estão fazendo tantos esforços para acabar com o trafico da escravatura na Costa d'Africa, são elles mesmos, que o estão exercitando nas suas colonias da India, possuindo escravos, vendendo-os, e comprando-os em grande numero, e só com hum differença: que os escravos, que elles procurão libertar são negros, e que os escravos, que elles possuem, comprão, e vendem, sendo para isso auctorizados por lei, são brancos!!!

Passando aos factos elle apresenta os seguintes. Há escravos ruraes (*prædial*) em grande parte da India: o preço, porque se vendem, não orça muito aci-

ma do do gado ordinario. Tractão-os com indiferença, ou com rigor: se adoeceem, nenhum soccorro se lhes presta: quando são velhos, muitas vezes os abandonão (*Lieut Conner*). O mesmo Governo Inglez possui grande numero d'escravos ruraes, que aluga por sua conta, ou emprega na cultura das terras. Todos elles lhe pertencem na falta de herdeiros; os maos tractamentos desses escravos na mór parte da India são taes, que exceedem muito a todas as cruezas, que entre nós se hajão praticado com os Africanos. (*Idem*)

Há no Malabar cem mil escravos ruraes. A degradação da sua natureza os separa do resto dos habitantes: a sua barriga hidropica contrasta horivelmente com os seus braços, e pernas de esqueleto. Como se lhes não dá de comer, nem de vestir, a sua condição não he muito melhor, que a do gado, com que lavrão. De ordinario trabalham de sol a sol, sem mais descanso, que duas horas por dia. O castigo dos açoitados he permittido por lei: os Senhores podem vender os seus escravos, e muitas vezes o fazem. (*Campbell of the Madras civil service*)

A prohibição da importação dos escravos dos Estados estrangeiros tem augmentado o preço da escravatura em lugar de pôr fim a este trafico. Todos os annos entra no paiz de Decan hum grande numero de escravos: os filhos são arrancados a suas mães para irem ser vendidos em paizes remotos! (*Chapplin Report to governement on the land revenues*) Em 11 de Julho de 1837 hum menina escrava de 9 annos de idade foi conduzida ao tribunal da policia. Tinha as mãos todas despedaçadas na altura dos punhos, d'onde lhe havião arrancado pedaços de carne: tinha nas espaldas grandes buracos produzidos pela combustão de carvões ardentes: as ilhargas estavam igualmente despedaçadas, e tinha além disto hum grande ferida na cabeça. Estas feridas, de que se seguio a morte da criança forão feitas com hum faca de carnicheiro, e depois com cal. O crime da desgraçada consistia em ter bebido hum pouco de

vinagre com assucar, que estava preparada para sua senhora! O *Coroner* classificou este facto de assassinio: mas não se diz, que pena se pronunciasse, ou applicasse! (*Report of India law commissioners.*)

E he este o Governo, que ingerindo-se nos nossos negocios domesticos, quer acabar entre nós, e d'entruviada a escravatura, reduzindo-nos á ultima penuria, e miseria para engrandecer as suas possessões da India? E seremos mudos espectadores da nossa ruina? O' vós, caros Patricios Agricultores, ó vós, Brasileiros de todas as classes, e profissões, sabeis, que a matreira Inglaterra no tractado, que ora discute com o Gabinete de Madrid, insiste pela creação d'uma Comissão mixta em Cuba composta de Juizes Inglezes, e do Paiz (*pro formula*) para declarar quaes os Africanos captivos importados depois da cessação do trafico, e libertalos! E não quererão logo o mesmo para o Brasil? E o que será de nós?

O tractado (antes tractada) que a nossa simpleza, e boa fé acceitou desse Gabinete eminentemente ladino, e egoista, deve espirar este anno; e elle mui naturalmente pretende as mesmas, e maiores concessões do seu mui fiel aliado, e amigo Brasil! Tem conhecido, que o nosso Governo actual, dominado dos melhores desejos de felicitar sua Patria, ou não está por tractado algum (que fôra em meu humilde pensar o mais acertado) ou a concluiu, pretende, que nos seja mui favoravel; e por isso odeia-o, e tudo fará para lhe dar a queda. Em verdade que vantagens podemos nós colher desses tractados com huma Nação muito mais poderosa, que nós, e já sobrejamente conhecida por suas espertezas, e maldade? Qual foi o beneficio, que recebemos da Inglaterra? Qualquer tractado que hum povo pequeno, e pobre conclue com outro grande, e poderoso faz-me lembrar o pacto da Fabula de Esopo entre o Leão, a Vacca, a Cabra, e a Ovelha, que ajustarão repartir irmãmente a caça: "Cada hum com seu igual; (conclue o judicioso-Fabulista) porque

quem trava amizade com maior, faz-se escravo seu, e lhe ha de obedecer, ou perder pelo menos a amizade, na qual o trabalho sempre he do mais fraco, a honra, e proveito do mais poderoso."

He mais que provavel, que a Grã Bretanha em o novo tractado pretenda do Brasil a respeito do trafico o mesmo, que está exigindo do Gabinete Hespanhol, isto he; a tal Comissão mixta. E haverá Brasileiro tão patife, tão indigno, tão torpemente infame, que annua a tal pretensão, e assigne a maior ignominia contra a Independencia da sua Patria? O que seria de vós Illustres Agricultores, o que seria de todos nós, se esse tribunal chegasse a instalar-se no Brasil? Eu sempre entendi, e entendo, que muito nos convirá acabar com esse trafico de carne humana. Mas quando? Quando poder ser, quando nós, e só nós tomarmos previamente as nossas medidas, a fim de que nos não falem repentinamente os braços; e não á *fortiori* pela *pseudo-philantropia* Ingleza, que quer libertar os negros, e conserva captivos os brancos!

Além disto a Inglaterra teme no Brasil a concurrencia de Portugal a respeito dos generos de importação, generos, que já por sua qualidade, já pelo inveterado habito, em que estamos, são mais do nosso gosto, e por isso de mais prompto consumo. D'aqui com mão arteira espalha pela massa do povo, que o nosso actual Ministerio he todo Luzitano, e que nos quer entregar aos Portuguezes! Labia, ou isca, de que tem pegado a Opposição sem reflectir em o nenhum fundamento de tal imputação. Em verdade que dâno nos pode causar o acabrunhado Portugal? Os nascidos neste Reino, que abraçarão a nossa Independencia, são nossos concidadãos, vivem connosco, e tão interlaçados, que o bem, ou o mal, que vier ao Brasil, sobre elles cahirá igualmente, e por isso são tão interessados, como nós, na prosperidade do paiz. Os Inglezes quando para cá vem, só cuidão em enriquecer: e logo que o conseguem, voltão á sua terra, sem nos deixar por cá nem huma czinha de taipa.



Pelo contrario os Portuguezes, em se passando para o Brasil, e adquirindo cabedaes, levantão predios, fazem-se proprietarios, por cá vivem, por cá morrem, e tudo fica para seus filhos, &c. &c.

Quando tractavamos da nossa Emancipação Politica, e que Portugal naturalmente se lhe oppunha, teve lugar essa indisposição contra Portuguezes: mas hoje, que vencemos para sempre o nosso pleito, hoje, que he absolutamente impossivel volvermos ao jugo da antiga Metropole, para que he aticar esses odios? Que prejuizo nos vem, ou nos pode vir dos Portuguezes? Pelo contrario elles devem ser os nossos mais proximos, e fieis aliados. Todos pertenciamos á mesma Familia; eramos todos Portuguezes, todos irmãos: nós separamo-nos, emancipamo-nos, fizemos Familia distincta; para isso corremos hum pleito: vencemo-lo: está tudo concluido; e o que nos resta he congrassar-mo-nos com os nossos irmãos, &c. &c. Bem longe de deprimir os Portuguezes, como alguns fazem, parece, que por moda, declaro em alto, e bom som, que muito me honro, e ufano de descender delles, de ter a minha origem de huma Nação, que já assombrava o mundo por seus heroicos feitos, quando a orgulhosa Inglaterra era apenas huma ilha de pescadores.

Finalmente se me fosse dado emittir o meu voto a respeito de tractados, eu só me pronunciaria por tractado com Portugal; porque somos irmãos em linguaagem, em Religião, em usos, habitos, e costumes, e quasi iguaes em forças: nós cá nos haveríamos muito bem. Mas tractado com a Inglaterra! Reciprocidade entre a ovelha, e o lobo! *Credat judens Apella, non ego.* Que bellos amigos nossos, que são os Inglezes! Querem tirar os braços ás nossas lavouras, queream reduzir-nos á extrema miseria, e até de mão armada assenhoreão-se da nossa povoação de Pirarára!

Nunca a união nos foi mais precisa, do que agora. Sim he mister, que ponhamos de parte caprichos particulares, e domesticos, e concordemos trabalhemos

por evitar os funestos estragos, com que nos ameaça a politica tortuosa, e egoista da Grã Bretanha. Coadjuvemos o Governo em tão nobre, em tão vital empenho. Os que aspirão ao Poder conquistem-o sim pela imprensa, e pela tribuna parlamentar; e nunca arremessando nos ao horrendo abismo da guerra civil.

### PENSAMENTOS.

Em cazamento, bem como em Politica, as meias loucuras são sempre inexcusaveis, e frequentemente sem successo; mas as loucuras inteiras interessão pelo excesso da paixão, ou subjugão pelo excesso da audacia. Quem quer vingar hum fosso em dous saltos deve cahir no meio.

*Le Montey.*

Não he o povo occupado, que reclama a soberania; he o povo ocioso, que quer fazer ao povo occupado soberano contra o seu gosto para debaixo do seu nome governar, e viver á sua custa.

*Bonald.*

Nós já conhecemos a balança dos Poderes, a balança do Commercio, a balança dos Estados, ou o equilibrio politico: só nos falta entendermos da balança da justiça.

Quem quizer, que huma balança esteja em oscillação continua, ponha-lhe dous pezos perfeitamente iguaes; que a menor ondulação do ar a fará sobir, ou descer: tal he a historia dos partidos.

Onde as leis não tem sido, se não a vontade dos mais fortes, todas as vontades dos homens poderosos podem tornar-se leis.

O mau exemplo dado pela Authoridade he hum premio seguro concedido ao vicio.

# O CARAPUCEIRO.

*Periodico Moral, e so' per accidens politico.*

Hunc servare modum nostri novere libelli  
Parcere personis, dicere de vitiis.  
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Quarta feira 22 de Junho.

(NUMERO 24.

## *Guerra implacavel à politica Inglesa.*

**N**EM sempre se pode chasquear, nem sempre tem lugar as facecias, e chalaças; e alguma vez releva, que o Carapuceiro cumprindo a promessa do seu titulo, seja tambem politico; e nisto he, que está o *per accidens*. A' excepção de poucos homens, cujo espirito parece ter predilecção pelo extraordinario, singular, e paradoxo não há hoje homem sensato, e verdadeiramente Christão, que não reprove ao menos em seu coração o cruel, e infame trafico de carne humana. Todos reconhecem o terrivel mal de sermos servidos por braços escravos, fustado neste legado, que nos veio dos seculos barbaros, e que em nós gerou imperiosa necessidade. Mas quando vemos o Governo Britanico tão empenhado pela emancipação dos homens de cor preta, quando reflectimos na politica dos Ingleses, cujo egoismo he proverbial, e se apresentão ao mundo, como philantropos por excellencia, e propugnadores dos direitos da humanidade oppressa, não poderemos dizer com razão, e bem escriptos "Timeo Danaos et dona ferentes?"

"Como he, que a Inglaterra (diz o periodico *Constitucional Francez*) que pelo tractado de Utrecht obteve o direito exclusivo de fornecer negros ás Colonias Hespanholas, e que durante todo o seculo passado pretendeo ter o monopolio dos mercados de carne humana, tomou tamanho zelo pela abolição da escravidão deste lado do Atlantico? A que fim tende ella, querendo conquistar o direito de visita maritima?"

Não he dado negalo: (diz Mr. Petit de Barancourt em hum folheto a este respeito) a Inglaterra despende annualmente sommas immensas para abolir o trafico. E fará ella só por philantropia tamanhas dispezas? Vede suas possessões das Indias: ali florece a escravidão: ali mulheres, creanças são vendidas, e compradas á vista das Auctoridades Inglesas. ali cem milhões de homens vivem curvados sob a mais brutal vervidão, que jamais existio. Não, não: a Inglaterra não he tão inconsequen; tenão se paga com grandes palavras; posto as offereça como engodo ao resto da Europa: ella sabe o que quer, e seu fim he proporcionado á grandeza de seus sacrificios."

"Dez annos há, que se operou huma revolução no Indostão. Em outro tempo esta região fazia concorrência á industria europea com seus productos manufacturados: hoje suas fabricas estão decahidas. A introducção illimitada dos productos da Grã Bretanha, privando do trabalho as populações indo-inglesas, ameaça-as de proxima ruina: he por tanto necessario substituir a industria manufactureira do Indostão já absorvida por huma producção agricola superior. D'ahi veio o projecto de dar á Asia em troca da sua industria perdida o monopolio das produções colonias. Por isso he que todas as plantas tropicaes tem sido naturalizadas nas margens do Ganges, e entre outras a cana de assucar. A exportação do assucar de Bengala elevou-se em 1831 a 12 milhões de Kilogrammas; em 1839 sobio a 90 milhões! Se continua esta progressão, o que será d'aqui a 20 annos?"

"Não basta porém produzir: releva

dar sahida aos productos, e excluir os productores rivaes, principalmente as antilhas, e a America, que estão na posse do mercado europeu. O direito de visita he hum dos meios, que devem levar a este resultado. Já no Congresso de Aix-la-Chapelle e no de Virona se propoz a concessão deste direito, e sempre regeitada."

"Nós repudiamos com todas as nossas forças o abominavel trafico dos negros: mas aqui a questão de philantropia não passa de pretexto: o verdadeiro objecto dos Inglezes he chegar á soberania dos mares. Com effeito todo o direito de reciprocidade entre dous povos desiguaes em forças he huma servidão disfarçada, e huma oppressão para o mais fraco. O exemplo da Hespanha, de Portugal, e dos Estados nascentes da America prova mais claramente esta verdade. Sabe-se de que modo os Inglezes exercem a policia do oceano a respeito delles. Inspeccionão sem nenhuma reciprocidade todo o commercio costeiro do Mexico, de Guatimala, do Brasil, e de Buenos Ayres; conservão o continente meridional d'America em huma especie de bloqueio commercial, de que sabem tirar partido."

O famoso Deputado Francez o Snr. Lanjuinais dirigio huma carta ao Redactor do *Siecle* á cerca do uso da escravidão actualmente adoptada pelos Inglezes, em a qual produz factos, e argumentos dignos da nossa maior attenção. Elle diz, que em quanto os Inglezes estão fazendo tantos esforços para acabar com o trafico da escravatura na Costa d'Africa, são elles mesmos, que o estão exercitando nas suas colonias da India, possuindo escravos, vendendo-os, e comprando-os em grande numero, e só com huma differença: que os escravos, que elles procurão libertar são *negros*, e que os escravos, que elles possuem, comprão, e vendem, sendo para isso auctorizados por lei, são *brancos*!!!

Passando aos factos elle appresenta os seguintes. Há escravos ruraes (*prædial*) em grande parte da India: o preço, porque se vendem, não orça muito aci-

ma do do gado ordinario. Tractão-os com indiferença, ou com rigor: se adoecem, nenhum soccorro se lhes presta: quando são velhos, muitas vezes os abandonão (*Lieut Conner*). O mesmo Governo Inglez possui grande numero d'escravos ruraes, que aluga por sua conta, ou emprega na cultura das terras. Todos elles lhe pertencem na falta de herdeiros; os maos tractamentos desses escravos na mór parte da India são taes, que exceedem muito a todas as cruezas, que entre nós se hajão praticado com os Africanos. (*Idem*)

Há no Malabar cem mil escravos ruraes. A degradação da sua natureza os separa do resto dos habitantes: a sua barriga hidropica contrasta horivelmente com os seus braços, e pernas de esqueleto. Como se lhes não dá de comer, nem de vestir, a sua condição não he muito melhor, que a do gado, com que lavrão. De ordinario trabalhão de sol a sol, sem mais descanso, que duas horas por dia. O castigo dos acontes he permittido por lei: os Senhores podem vender os seus escravos, e muitas vezes o fazem. (*Campbell of the Madras civil service*)

A prohibição da importação dos escravos dos Estados estrangeiros tem augmentado o preço da escravatura em lugar de pôr fim a este trafico. Todos os annos entra no paiz de Decan hum grande numero de escravos: os filhos são arrancados a suas mãis para irem ser vendidos em paizes remotos! (*Chapplin Report to governement on the land revenues*) Em 11 de Julho de 1837 huma menina escrava de 9 annos de idade foi condnizada ao tribunal da policia. Tinha as mãos todas despedaçadas na altura dos punhos, d'onde lhe havião arrancado pedaços de carne: tinha nas espaduas grandes buracos produzidos pela combustão de carvões ardentes: as ilhargas estavam igualmente despedaçadas, e tinha além disto huma grande ferida na cabeça. Estas feridas, de que se seguiu a morte da criança forão feitas com huma faca de carnicheiro, e depois com cal. O crime da desgraçada consistia em ter bebido hum pouco de



vinagre com assucar, que estava preparada para sua senhora! O *Coroner* classificou este facto de assassinio: mas não se diz, que pena se pronunciasse, ou applicasse! (*Report of India law commissioners.*)

E he este o Governo, que ingerindo-se nos nossos negocios domesticos, quer acabar entre nós, e d'entruviada a escravatura, reduzindo-nos á ultima penuria, e miseria para engrandecer as suas possesões da India? E seremos mudos espectadores da nossa ruina? O' vós, caros Patricios Agricultores, ó vós, Brasileiros de todas as classes, e profissões, sabeí, que a matreira Inglaterra no tractado, que ora discute com o Gabinete de Madrid, insiste pela creação d'uma Comissão mixta em Cuba composta de Juizes Inglezes, e do Paiz (*pro formula*) para declarar quaes os Africanos captivos importados depois da cessação do trafico, e libertalos! E não quererão logo o mesmo para o Brasil? E o que será de nós?

O tractado (antes tractada) que a nossa simpleza, e boa fé acceitou desse Gabinete eminentemente ladino, e egoista, deve espirar este anno; e elle mui naturalmente pretende as mesmas, e maiores concessões do seu mui fiel aliado, e amigo Brasil! Tem conhecido, que o nosso Governo actual, dominado dos melhores desejos de felicitar sua Patria, ou não está por tractado algum (que fôra em meu humilde pensar o mais acertado) ou a concluiu, pretende, que nos seja mui favoravel; e por isso odeia-o, e tudo fará para lhe dar a queda. Em verdade que vantagens podemos nós colher desses tractados com hum Nação muito mais poderosa, que nós, e já soberamente conhecida por suas espertezas, e má fé? Qual foi o beneficio, que recebemos da Inglaterra? Qualquer tractado que hum povo pequeno, e pobre conclue com outro grande, e poderoso faz-me lembrar o pacto da Fabula de Esopo entre o Leão, a Vacca, a Cabra, e a Ovelha, que ajustarão repartir irmãmente a caça: "Cada hum com seu igual; (conclue o judicioso Fabulista) porque

quem trava amizade com maior, faz-se escravo seu, e lhe ha de obedecer, ou perder pelo menos a amizade, na qual o trabalho sempre he do mais fraco, a honra, e proveito do mais poderoso."

He mais que provavel, que a Grã Bretanha em o novo tractado pretenda do Brasil a respeito do trafico o mesmo, que está exigindo do Gabinete Hespanhol, isto he; a tal Comissão mixta. E haverá Brasileiro tão patife, tão indigno, tão torpemente infame, que annua a tal pretensão, e assigne a maior ignominia contra a Independencia da sua Patria? O que seria de vós Illustres Agricultores, o que seria de todos nós, se esse tribunal chegasse a instalar-se no Brasil? Eu sempre entendi, e entendo, que muito nos convirá acabar com esse trafico de carne humana. Mas quando? Quando poder ser, quando nós, e só nós tomarmos previamente as nossas medidas, a fim de que nos não falem repentinamente os braços; e não á *fortiori* pela *pseudo-philantropia* Ingleza, que quer libertar os negros, e conserva captivos os brancos!

Além disto a Inglaterra teme no Brasil a concurrencia de Portugal a respeito dos generos de importação, generos, que já por sua qualidade, já pelo inveterado habito, em que estamos, são mais do nosso gosto, e por isso de mais prompto consumo. D'aqui com mão arteira espalha pela massa do povo, que o nosso actual Ministerio he todo Luzitano, e que nos quer entregar aos Portuguezes! Labia, ou isca, de que tem pegado a Opposição sem reflectir em o nenhum fundamento de tal imputação. Em verdade que dão nos pode causar o acabrunhado Portugal? Os nascidos neste Reino, que abraçarão a nossa Independencia, são nossos concidadãos, vivem connosco, e tão interlaçados, que o bem, ou o mal, que vier ao Brasil, sobre elles cahirá igualmente, e por isso são tão interessados, como nós, na prosperidade do paiz. Os Inglezes quando para cá vem, só cuidão em enriquecer: e logo que o conseguem, voltão á sua terra, sem nos deixar por cá nem hum a czinha de taipa.

Pelo contrario os Portuguezes, em se passando para o Brasil, e adquirindo cabedae, levantão predios, fazem-se proprietarios, por cá vivem, por cá morreia, e tudo fica para seus filhos, &c. &c.

Quando tractavamos da nossa Emancipação Politica, e que Portugal naturalmente se lhe oppunha, teve lugar essa indisposição contra Portuguezes: mas hoje, que vencemos para sempre o nosso pleito, hoje, que he absolutamente impossivel volvermos ao jugo da antiga Metropole, para que he atihar esses odios? Que prejuizo nos vem, ou nos pode vir dos Portuguezes? Pelo contrario elles devem ser os nossos mais proximos, e fieis aliados. Todos pertenciamos á mesma Familia; eramos todos Portuguezes, todos irmãos: nós separamo-nos, emancipamo-nos, fizemos Familia distincta; para isso corremos hum pleito: vence-mo-lo: está tudo concluido; e o que nos resta he congrassarmo-nos com os nossos irmãos, &c. &c. Bem longe de deprimir os Portuguezes, como alguns fazem, parece, que por moda, declaro em alto, e bom som, que muito me honro, e ufano de descender delles, de ter a minha origem de huma Nação, que já assombrava o mundo por seus heroicos feitos, quando a orgulhosa Inglaterra era apenas huma ilha de pescadores.

Finalmente se me fosse dado emittir o meu voto a respeito de tractados, eu só me pronunciaria por tractado com Portugal; porque somos irmãos em lingua-gem, em Religião, em usos, habitos, e costumes, e quasi iguaes em forças: nós cá nos haveriamos muito bem. Mas tractado com a Inglaterra! Reciprocidade entre a ovelha, e o lobo! *Credat judens Apella, non ego*. Que bellos amigos nossos, que são os Inglezes! Querem tirar os braços ás nossas lavouras, querem reduzir-nos á extrema miseria, e ate de mão armada assenhoreão-se da nossa povoação de Pirarara!

Nunca a união nos foi mais precisa, do que agora. Sim he mister, que ponhamos de parte caprichos particulares, e domesticos, e concordes trabalhemos

por evitar os funestos estragos, com que nos ameaça a politica tortuosa, e egoista da Grã Bretanha. Coadjuvemos o Governo em tão nobre, em tão vital empenho. Os que aspirão ao Poder conquistem-o sim pela imprensa, e pela tribuna parlamentar; e nunca arremessando nos ao horrendo abismo da guerra civil.

### PENSAMENTOS.

Em cazamento, bem como em Politica, as meias loucuras são sempre inexcusaveis, e frequentemente sem successo; mas as loucuras inteiras interessão pelo excesso da paixão, ou subjugão pelo excesso da audacia. Quem quer vingar hum fosso em dous saltos deve cair no meio.

*Le Montey.*

Não he o povo occupado, que reclama a soberania; he o povo ocioso, que quer fazer ao povo occupado soberano contra o seu gosto para debaixo do seu nome governar, e viver à sua custa.

*Bonald.*

Nós já conhecemos a balança dos Poderes, a balança do Commercio, a balança dos Estados, ou o equilibrio politico: só nos falta entendermos da balança da justiça.

Quem quizer, que huma balança esteja em oscilação continua, ponha-lhe dous pesos perfeitamente iguaes; que a menor ondulação do ar a farà sobir, ou descer: tal he a historia dos partidos.

Onde as leis não tem sido, se não a vontade dos mais fortes, todas as vontades dos homens poderosos podem tornar-se leis.

O mau exemplo dado pela Authoridade he hum premio seguro concedido ao vicio.